

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA
JUNTO A NATUREZA**

Rosana Elisa Emmel Stein

Santa Maria, RS – novembro/2011

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA JUNTO A NATUREZA

Rosana Elisa Emmel Stein

Monografia apresentada ao curso de especialização do Programa de Pós
Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria,
(UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau

de

Especialista em Educação Ambiental

Orientador: Prof. Dr Clayton Hillig

Santa Maria, RS, Brasil, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

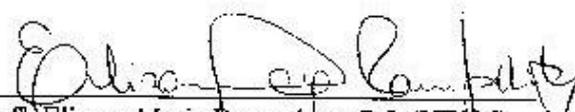
**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA
JUNTO A NATUREZA**

elaborada por
Rosana Elisa Emmel Stein

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Ambiental.

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof.^o Clayton Hillig Dr. (UFSM) (Presidente/Orientador)


Prof.^o Elisane Maria Rampelotto Dr.^a (UFSM)


Prof.^o Jorge Orlando Cuellar Noguera Dr. (UFSM)

Agudo, 25 de novembro de 2011.

DEDICATÓRIA:

A minha mãe e ao meu filho. A minha mãe foi um exemplo a eu seguir e meu filho eu tento ser um bom exemplo a ele seguir.

AGRADECIMENTOS:

Ao nosso guia maior, Deus e a família que acompanham nossa árdua caminhada, que se for executada sozinha se tornam vazia demais.

Ao orientador Clayton Hillig, que distante, se dedicou, atendeu, colaborou com ajuda, motivação e paciência de um bom professor. Aos colegas e amigos que colaboraram ouvindo e sugerindo caminhos harmônicos de ideias.

Universidade Federal de Santa Maria, pela qualidade do ensino público e gratuito.

Resumo

Monografia

Especialização em Educação Ambiental

Universidade Federal de Santa Maria

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA JUNTO A NATUREZA

Autora: Rosana Elisa Emmel Stein

Orientador Professor Dr. Clayton Hillig

Data e local da defesa: Pólo de Agudo, 25 de novembro de 2011

Esta monografia de caráter qualitativo desenvolveu-se na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Leopoldina em Santa Cruz do Sul no ano de 2011 e analisou o uso de experiências em educação ambiental dissociada do contexto de sala de aula, usando a natureza como base e fator de significado na aprendizagem, algo muito necessário aos educandos e à sociedade nos dias atuais. Buscando compreender o significado da aprendizagem em Educação Ambiental junto à natureza, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre importância e a historicidade da EA (Educação Ambiental) e posteriormente, realizou-se experiências alternativas em EA na escola, em contato direto com a natureza, na mata da escola, analisou-se os depoimentos dos alunos no blog da escola e conclui-se o significado da aprendizagem de EA junto à natureza na trilha da vida. O foco do trabalho foi à trilha da vida, realizada na mata da escola, onde os alunos redescobrem a natureza com a sensibilização, despertando percepções adormecidas, pouco exploradas, com olhos vendados, se priva a visão e assim se estimula outros sentidos e sentimentos. Percebeu-se nas atividades realizadas e depoimentos postados no blog da escola, que os alunos têm o desejo por aulas diversificadas e motivadoras em contato direto com a natureza, que se valorize a participação de todos e se, promovam o aprendizado de grande significado para eles. A educação ambiental deve ser uma prática constante de uma função transformadora, de pensar, que leve a observação e sensibilização dos princípios da nossa mãe natureza, para que se perceba que somos todos interligados numa rede de relações. Como toda ação ambiental e educativa que a escola oportuniza aos alunos e toda comunidade, abre bons caminhos, onde os participantes podem se encantar e se motivar para uma concreta e significativa ação de educação ambiental, em que as pessoas se sintam integrante de um processo que busca mais qualidade de vida e um planeta melhor de se viver.

Palavras - chave: Educação Ambiental; Natureza; Sensibilização; Aprendizagem.

Abstract

Monograph

Specialization in Environmental Education Federal University of
Santa Maria

ENVIRONMENTAL EDUCATION IN MEANINGFUL LEARNING WITH NATURE

AUTHOR: Rosana Elisa Emmel Stein

ADVISOR: Dr. Clayton Hillig

Date and Location of Defense: Agudo, November 25, 2011

This qualitative study was developed in public school elementary school Dona Leopoldina in Santa Cruz do Sul in the year of 2011 and analyzed the use of experience in environmental education divorced from the context of the classroom, using the nature like basis and meaning factor in learning, something very necessary for students and society today. Search to understand the meaning of learning in environmental education in nature, carried out a literature review on importance and historicity of the Environmental Education and subsequently held at Environmental Education alternative experiences at school, in direct contact with nature, in school florest, we analyzed the testimony of the students in the school blog and conclude the significance of learning in nature and in the path of life. The focus of this study was to track the life held in the forest school, where students rediscover nature with awareness, awakening dormant perceptions, largely unexplored, blindfolded, to deprive the vision and thus stimulates other senses and feelings. It was noticed in the activities and statements posted on the blog of the school, students have the desire for diverse and engaging lessons in direct contact with nature, which values the participation of all and, promote the learning of great significance for them. Environmental education should be a constant practice of transforming a function of thinking, leading to observation and awareness of the principles of our mother nature, that they realize that we are all interconnected in a network of relationships. As every action and environmental education to school students and nurture any community, good open paths, where attendees can delight and motivate yourself for a concrete and significant action on

environmental education, in which people feel of a process that search more quality of life and a better planet to live.

Keywords: Environmental Education, Nature, Awareness, Learning

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.2 Objetivos	12
1.2.1 Objetivo Geral	12
1.2.2 Objetivos Específicos	12
2. REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1. Educação Tradicional em Educação Ambiental	13
2.2. Histórico da Educação Ambiental	15
2.3. Experiências alternativas	19
2.4. O Desafio da Educação Ambiental	23
3. METODOLOGIA	32
3.1. Levantamento bibliográfico.....	32
3.2. Experiências alternativas	32
3.3. Trilha da vida	36
4. ANÁLISE DE DADOS.....	41
5. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia foi realizada pela autora formada em Ciências Biológicas em 2002, que leciona a 17 anos na rede municipal e trabalha com educação ambiental nesta escola desde o ano 2000 e se propõe a tratar de questões que envolvam o nosso meio ambiente, que por si só já revelam atualmente a importância da presente pesquisa.

Não há ser vivo no planeta que não seja afetado direta ou indiretamente por alterações que estão ocorrendo no meio ambiente, seja da flora ou da fauna. Do mais consciente e informado ao mais alienado, dos irracionais, todos, sofrem as consequências que as intervenções no meio ambiente podem refletir e alguns sofrem na mais pura inocência.

As crescentes e graves enchentes, tempestades, elevação da temperatura, queimadas, efeito estufa, aquecimento global, extermínio da flora, da fauna, da biodiversidade, degradação do solo e poluição do ar e das águas, afetado pelos riscos socioambientais e seus danos, é cada vez mais notada. Todos estes fatos estimularam uma reflexão importante para a sociedade sobre a questão dos riscos ambientais da humanidade.

Também busca identificar e lançar alternativas de solução frente aos inúmeros problemas que vem ocorrendo com o nosso meio ambiente, também com isso propõe o uso de experiências em educação ambiental dissociada do contexto de sala de aula, usando a natureza como base e como fator de significado na aprendizagem, necessário aos educando dos dias atuais.

Ao abordar a complexa interação da educação ambiental na escola de ensino fundamental, valorizando o meio ambiente e buscando sensibilizar os educando com atitudes práticas no seu contexto diário, permitindo informações que são fundamentais no ensino-aprendizagem. O problema de pesquisa pode ser colocado da seguinte da forma: Como desenvolver uma Educação Ambiental com aprendizagem de significado junto à natureza, usando a própria natureza como um laboratório natural na escola?

O homem se distanciou muito da natureza nos últimos tempos e busca em sua cegueira a compensação com o consumo exagerado em busca do prazer. Ocorre atualmente à falta de consciência em ver as belezas que estão na natureza muito próximas de nós, estamos cegos e sem o mínimo de sensibilidade e reverencia para com a natureza, afirma Lutzenberger (1994).

Sendo que no cotidiano escolar é de suma importância valorizar os ecossistemas ambientais, que devem ser discutidos e abordados em toda ação, agindo e interagindo para a informação e formação de uma sociedade participativa, reflexiva e crítica frente a toda problemática ambiental, do local em que o sujeito se encontra para todo o planeta em que queremos permanecer vivendo com mais harmonia e sustentabilidade.

Para Capra (2005, p.22) não é mais concebível que se observe os problemas sociais e ambientais de forma fragmentada, individualizada, vive-se um mundo que requer um olhar sistêmico, pois *“a rede é um padrão comum a todas as formas de vida. Onde existe vida existem redes”*.

Necessitamos de uma mudança de pensamento e atitudes frente aos problemas ambientais, os quais pela sua própria natureza tornam-se mais difíceis de serem previstos como parte da realidade. Nas escolas os educadores são guias na construção de conhecimento para saber usá-los como instrumentos para o desenvolvimento de uma prática educativa com motivação e no cuidado com o meio ambiente, pois muitos são os momentos em que se aprende na sociedade em que vivemos e a escola é mais um destes locais onde acontece a aprendizagem humana, acrescenta Barcelos (2008).

Ao trabalhar com EA, deve se desenvolver para ajudar as pessoas a compor uma consciência global das questões relacionadas ao meio em que vivem e para que possam obter posicionamento em sintonia com valores, sua proteção e melhor qualidade de vida, conforme consta nos parâmetros curriculares nacionais (PCNs), Meio ambientes e saúde (1997).

Com base nos autores Valdo Barcelos, Marcos Reigota, Lutzenberger, Paulo Freire, Capra entre outros se fará uma pesquisa baseada em fontes de informações a minha caminhada e bagagem de educação ambiental, para este trabalho.

A educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora, de cidadania planetária, onde as pessoas tornam-se sujeitos inclusos, participativos

para promover um desenvolvimento mais sustentável em seu meio no planeta em que vivemos, buscando com isso mais qualidade de vida, com pessoas integradas na sociedade e não somente a serviço dela, explica Reigota (1999).

Com as crianças e adolescentes, o trabalho se objetivou em compreender o significado da aprendizagem em Educação Ambiental junto à natureza, analisar a importância e a historicidade da EA, por meio de revisão bibliográfica.

Na parte mais prática do trabalho, foi proposto realizar experiências alternativas em EA na escola, tais como caminhadas e projetos e realizar a trilha da vida em contato direto com a natureza, na mata da escola.

A pós buscou-se analisar os depoimentos dos alunos que fizeram a caminhada ecológica e a trilha da vida no blog da escola e concluir o significado da aprendizagem de EA junto à natureza na trilha da vida.

O foco do trabalho será a trilha da vida, onde os alunos redescobrem a natureza com a sensibilização, despertando percepções adormecidas e pouco exploradas. Vendando os olhos, se priva a visão e assim se estimula outros sentidos e sentimentos de objetos presentes em nosso cotidiano, que são vistos com olhos, mas passam despercebidos. Quando se percebe a natureza de perto, surge num momento único e inesquecível de encontro com o nosso ser, muitas emoções afloram e servem para repensarmos na nossa relação de ser vivo em mais sintonia com a natureza.

Uma EA que esteja comprometida com a construção da cidadania do planeta em paz e harmonia precisam saber ouvir, refletir sobre diferentes vozes e silêncios, embora pareçam estranhos, merecem atenção, paz, solidariedade, justiça, amor, democracia e ecologia, complementa Barcelos (2008).

Segundo Reigota (1998), precisamos saber que a EA representa uma crítica e ao mesmo tempo uma alternativa aos processos pedagógica conservadores que não se limitam ao espaço educativo e sim se abrem aos vários modelos sociais, econômicos e culturais.

Necessitamos de uma mudança de pensamento e atitudes frente aos problemas ambientais, os quais pela sua própria natureza tornam-se mais difíceis de serem previstos como parte da realidade. Nas escolas os educadores são guias na construção de conhecimento para saber usá-los como instrumentos para o desenvolvimento de uma prática educativa com motivação e no cuidado com o meio ambiente.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

- Compreender o significado da aprendizagem em Educação Ambiental junto à natureza, ao meio e ao homem.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Analisar a importância e a historicidade da EA, por meio de revisão bibliográfica;
- Realizar experiências alternativas em EA na escola, tais como caminhadas e projetos.
- Analisar os depoimentos dos alunos que fizeram a caminhada ecológica no blog da escola.
- Realizar a trilha da vida em contato direto com a natureza, na mata da escola.
- Analisar os depoimentos dos alunos que fizeram a trilha da vida no blog da escola.
- Compreender o significado da aprendizagem de EA junto à natureza na trilha da vida.

2 REVISÃO DE LITERATURA:

2.1 Na Educação Tradicional existia Educação Ambiental?

A educação tradicional criticada por Freire (1987) era também chamada de bancária por ser vista como uma educação em que o educador era o dono do saber, enquanto o educando era um mero ouvinte, que nada sabia, só ouvia e engolia o que era passado e nele depositado, com grande frieza e palavras sem sentido.

Para o referido autor, uma educação assim predomina o discurso, na qual, quem é o sujeito central da educação é o educador, sendo os alunos não constroem nada; o educador deposita conteúdos, que estes, recebem, memorizam e repetem uma prática totalmente verbalizada, dirigida para a transmissão e avaliação de conhecimentos abstratos, numa relação vertical, de cima para baixo do saber que é ensinado de forma autoritária, pois manda quem sabe e obedece quem precisa.

Nesta educação tradicional, Freire (1987), argumenta que o educador é sempre o que sabe, enquanto os educando serão os que não sabem e escutam docemente e em silêncio a palavra do mestre. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca; educador é o sujeito do processo enquanto o educando o mero objeto.

Desta maneira refere o autor que o educando, em sua passividade, torna-se apenas um objeto receptor numa falsa pressuposição de um mundo harmonioso, no qual não há contradições, interações e nenhum aprendizado fora do normal e comportamental da sala de aula.

Como o professor escolhe o conteúdo e o que deve ser ensinado, os alunos jamais são ouvidos e devem se moldar aos conteúdos ensinados, sem liberdade de

escolha e sim de obediência? Neste contexto jamais haveria uma educação ambiental prática e fora da rigidez, para Freire (1997), nessa visão bancária se trava a consciência crítica de um cidadão capaz de transformar e melhorar o mundo. Sendo passivo o sujeito se molda nas situações e não fazem nada, sem criatividade, sem crítica e sem transformação, como os interesses dos opressores do mundo.

Contraopondo esta educação bancária e rígida, o próprio Freire (2007) explica que ensinar exige curiosidade, pesquisa, respeito, bom senso, humildade, alegria, esperança, comprometimento, liberdade, diálogo, autoridade, reflexão, criticidade, ética, e generosidade.

Na década de 1930, iniciou no Brasil a preocupação com o meio ambiente, surgiram muitas sociedades de proteção a natureza, amigos das árvores, da flora, entre outros. Estas sociedades defendiam a natureza, propondo leis florestais, reformas na agricultura, contra o desmatamento e o mau uso do solo. Também incentivavam o plantio de árvores, distribuía sementes, ministravam palestras e pressionavam o governo, tanto que em maio de 1930 Getúlio Vargas o código florestal e das águas. No final do ano de 1930, questões ambientais começaram a surgir no Brasil, sociedades de proteção as árvores e em defesa da natureza foram surgindo. Também foram criados os primeiros parques nacionais, como o Parque Nacional de Itatiaia no estado do Rio de Janeiro, ensina Freire (2005).

Na metade dos anos de 1970, o Brasil vivia sob o regime militar, onde vários movimentos de estudantes ocorriam pelo país, reivindicando, democracia, liberdade e eleições livres. Com isto houve enfrentamentos aos militares e a censura por parte de intelectuais, professores e artistas, que estavam cansados da ditadura, buscava a liberdade e a democracia, exemplifica Reigota (1998).

Um debate político e intelectual no final de 1970 e início dos anos 80 formou muitos profissionais de educação ambiental e despontaram-se no cenário brasileiro pensamentos ecologistas de pessoas que construíram uma história em favor do meio ambiente, entre eles: José Lutzenberger, Fernando Gabeira, Miguel Abella entre outros, cita Reigota,(1988):

O trabalho de EA deve ser desenvolvido a fim de ajudar os alunos à construir uma consciência global das questões relativas ao meio para que possam assumir posições afinadas com os valores referentes à sua proteção e melhoria. Para isso é importante que possam atribuir significado aquilo que aprendem sobre a questão ambiental. E esse significado é o resultado da ligação que o aluno estabelece entre o que aprende e a sua

realidade cotidiana, da possibilidade de estabelecer ligações entre o que aprende e o que já conhece, e também a possibilidade de utilizar o conhecimento em outras situações. (PCN, MEIO AMBIENTE E SAÚDE-1997, pág 47 e 48).

O Brasil, de acordo com especialistas, que participam de encontros pelo mundo todo, é considerado um dos países com maior variedade e originalidade de experiências em EA. Faz-se necessário aproveitar este potencial e aprimorar, pois a EA se for bem feita, faz surtir mudanças nas populações, com atitudes e valores de grande reflexão na sociedade local, de acordo com os PCNs,(1997)

A EA necessita manter a sua autonomia e independência crítica, para assim ser uma realidade em mobilizar a sociedade a participar na solução de seus problemas locais, regionais e globais. Não precisamos de muitos, mas de qualidade na mobilização pela EA, reforça Reigota,(1988).

2.2 Histórico da EA

Quando nossas matas foram colonizadas por tribos indígenas havia harmonia com a natureza, mas quando houve a colonização da cultura ocidental sedenta por riquezas imediatas, a função do campo não era gerar comida e sim aumentar o poder e com isso aniquilar a natureza, afirma Lutzenberger (2004).

No livro (A Primavera Silenciosa), lançado em 1962, Rachel Carson mostrou como o DDT causava muitos males a saúde e ao ecossistema, pois penetrava na cadeia alimentar e acumulava-se nos tecidos gordurosos dos animais, inclusive do homem, com o risco de causar câncer e dano genético.

A grande polêmica movida pelo polêmico livro na época é que não só ele expunha os perigos do DDT, mas questionava de forma da confiança cega da humanidade no progresso tecnológico.

A maior conquista deste clássico livro de foi à conscientização da população de que a natureza é vulnerável à intervenção humana. Poucos até então se preocupavam com problemas de conservação, a maior parte pouco se importava se algumas ou muitas espécies estavam sendo extintas. Mas o alerta de Rachel Carson

era assustador demais para ser ignorado: a contaminação de alimentos, os riscos de câncer, de alteração genética, a morte de espécies inteiras. Pela primeira vez, a necessidade de regulamentar a produção industrial de modo a proteger o meio ambiente se tornou aceita. (<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/agrotoxicos/agrotoxicos-primavera-silenciosa.php>, acesso em 12 set 2011)

As indústrias, urbanização, agricultura mecanizada e o uso de agrotóxicos, foram regras instituídas pelo sistema capitalista atual, que visa lucros a poucos e fome a muitos. A tecnologia usada evolui a cada dia e gera problemas na mesma proporção evolutiva, a flora e a fauna pagam alto preço pelo seu extermínio e desequilíbrio. PCNs (1997)

Depois da 2ª Guerra Mundial, na década de 1960, a humanidade percebeu que haveria o esgotamento dos recursos naturais, podendo causar danos a sua própria sobrevivência. Assim se iniciou movimentos de luta em favor ao meio ambiente, para conservar a natureza e a qualidade de vida dos seres que aqui vivem, coloca os PCNs (1997).

A humanidade enfrenta uma crise criada por ela mesma, nas relações e organizações, que são resultados de uma relação desarmônica em busca de produção desenfreada do sistema capitalista vigoroso que impera no planeta, complementa Lutzenberger (1994).

Conforme os PCNs, (1997), vivemos não somente uma crise ambiental, mas uma crise civilizatória e que irá exigir profundas mudanças no conceito de mundo, natureza e valores. O homem deve acordar para uma percepção muito realista, de que ele não é o centro da natureza, nem o dono dela, mas sim parte integrante dela, como qualquer outro ser vivente.

Para Leff (2000) a problemática ambiental é o campo privilegiado de inter-relações sociedade-natureza, razão pela qual seu conhecimento demanda uma abordagem holística e um método interdisciplinar, que permitam a integração das ciências da natureza e da sociedade; das esferas do ideal e do material, da economia, da tecnologia e da cultura. A noção de interdisciplinaridade se aplica tanto a uma prática multidisciplinar, assim como ao diálogo de saberes que permeia suas práticas. O autor defende que a interdisciplinaridade é necessária para evitar o fracionamento e a superespecialização do conhecimento.

O aumento da população mundial, busca na natureza recursos para suprir desejos e necessidades variadas e tecnológicas, gerando muitas vezes sérios conflitos entre os povos do planeta, como por exemplo, solo pobre, água contaminada e violência nas periferias, conforme PCNs, (1997)

O conquistador não tinha a mínima intenção de aqui fundar nova civilização, muito menos de aprender com as culturas existentes. O que ele procurava era a riqueza imediata. Conceitos como harmonia paisagística, desde séculos arraigados na Europa central, eram inconcebíveis na cabeça do saqueador. Se até hoje muita beleza e harmonia sobram em algumas de nossas paisagens, isto certamente não foi intencional. Foi por incapacidade de destruição ou desleixo de saque (LUTZENBERGER, 2004, p. 87).

A conferência Intergovernamental de EA em Tiblisi, no ano de 1977, estabeleceu princípios de EA para ser desenvolvido nas escolas, conforme os PCNs citam a seguir em (1997). Considerar o meio ambiente em sua totalidade, constituir processo permanente desde a Educação infantil até o ensino formal, focar o processo interdisciplinar, observar questões ambientais locais e globais, concentrar-se em questões ambientais atuais.

Buscar cooperação e insistência na prevenção de problemas ambientais, promoverem a participação dos alunos, estabelecer com todos os alunos relação e sensibilização ao meio ambiente, busca de conhecimentos e atitudes na solução de problemas locais, clarearem aos alunos os sintomas de reais dos problemas ambientais, ressaltarem a complexidade e a necessidade do senso crítico na solução de problemas e usar diversos ambientes para ensinar com atividades práticas e experiências pessoais.

No ano de 1968 houve grandes manifestações em Roma, onde um grupo de empresários e cientistas se reuniu para tentar novos caminhos para o desenvolvimento econômico e publicaram um livro com polêmicas de aceitação difícil. Limites do crescimento descreviam que o mesmo deveria ser interrompido com crescimento zero, para países ricos era possível, mas os mais pobres iriam parar de crescer? Complementa Rodrigues (1997)

Na década de 1960 no Brasil, havia os “estudos do meio”, procurando relacionar a educação com a vida do aluno, seu meio e sua comunidade. Em 1970

creceu os movimentos ambientalistas e passou a ser usado o termo Educação Ambiental em escolas, universidades e instituições, publicou os PCNs (1997)

Em 1971 um grupo inglês publicou o Manifesto da sobrevivência, um documento com sugestões de uma vida em um ambiente mais saudável, teve repercussão mundial e dava sinais da afirmação da questão ambiental, afirma Rodrigues (1997)

Na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (Estocolmo, 1972), se dá o início a uma cruzada em favor do meio ambiente, mas ao mesmo tempo reconhece que soluções na área ambiental implicam mudanças profundas na organização do mesmo, sendo necessário desenvolver uma educação ambiental fundada em uma visão holística da realidade e nos métodos da interdisciplinaridade (LEFF, 2000).

Na segunda metade da década de 70 a educação ambiental chega a alguns países, inclusive no Brasil, muitas escolas adotam programas, mas a maioria ainda se mantém em noções e ações pontuais de preservação, algumas universidades criam cursos de pós-graduação. Empresas de água e de eletricidade passam aos seus consumidores o não desperdício dos recursos e a reciclagem do lixo vira tema constante nas escolas, em Rodrigues (1997)

No ano de 1987, no Conferencia Internacional sobre educação e Formação ambiental, que ocorreu em Moscou e foi convocada pela Unesco, concluiu-se que havia a necessidade de colocar a EA nos sistemas educativos de todos os países, conforme os PCNs (1997).

A Política Nacional do Meio Ambiente, no Brasil definida por meio da Lei nº 6.983/81 (BRASIL, 1981), situa a Educação Ambiental como um dos princípios que garantem “a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar no país condições ao desenvolvimento socioeconômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana”.

No ano de 1992, ocorreu no Rio de Janeiro a Conferência Rio/92 que aprovou a Agenda 21 com propostas de ação para os países em geral, com estratégias e ações a serem cumpridas, tanto em EA como em ações educativas de informações e comunicação em geral. Durante esta conferência se reuniu representantes do mundo todo em diversos segmentos surgiram tratados de conscientização e a EA dirigida para todas as pessoas, especialmente as crianças, como coloca os PCNs em (1997).

A educação ambiental é vista de modo abrangente, com o objetivo de formar cidadãos ativos que saibam identificar os problemas locais e participar ativamente na solução e prevenção. Podendo assim ajudar a cuidar do nosso patrimônio natural e cultural, que promovam ações de organização e luta por melhorias de vida e sobrevivência das gerações vindouras de todas as espécies, em busca de um planeta mais justo saudável e agradável de viver acrescenta Rodrigues (1997).

2.3 Experiências alternativas, de EA: hortas, Clube da Árvore, trilhas e Rincão Gaia.

De acordo com Capra (2006), uma horta escolar surge uma grande oportunidade onde se aprende sobre ciclos alimentares naturais e ciclos de plantio, cultivo, colheita, compostagem e reciclagem. Aprende-se que o solo é fértil, produz nossos alimentos e tem muitas vidas importantes que fazem respeito à vida com agricultura orgânica.

Uma sala de aula que, nós descobrimos, é especialmente apropriada para as crianças é a horta da escola, por religá-la aos fundamentos básicos da comida- na realidade, como essência da vida- ao mesmo tempo em que integra e enriquece praticamente todas as atividades escolares. (CAPRA, 2006, pág. 14-15).

Assim em 1980 surge o Programa de Hortas Escolares nas escolas da região sul, visando ensinar hábitos de cultivo prático e natural das plantas para incrementar a merenda com a alimentação mais saudável na vida de muitos jovens nas escolas rurais do Rio Grande do Sul, conforme o Instituto Souza Cruz (2002).

O mais importante é que para as crianças, estar na horta é algo mágico. Como disse um dos professores, “Uma das coisas mais fascinantes da horta é o fato de estarmos criando um lugar mágico para as crianças que do contrário, não teriam esse lugar, não teriam a oportunidade de estar em contato com a terra e com as coisas que crescem dela. Você pode ensinar tudo o que quiser, mas estar lá fora, plantando, cozinhando e comendo- essa é a ecologia que chega ao coração das crianças e essa experiência vai continuar com elas pelo resto da vida.” (Fritjof Capra, pag. 15 -2006)

Ao cultivar os próprios alimentos numa horta escolar pode iniciar os alunos no prazer de provar alimentos frescos e saudáveis, criar uma oportunidade para mudar o cardápio escolar, incentivar nas famílias a comercialização de alimentos frescos que poderão ajudar a sustentar de agricultores da região. (Fritjof Capra. Pag. 55 e 56 -2006)

Segundo o autor acima citou, um trabalho assim já se encaminha para a sustentabilidade de uma comunidade, seguindo modelos dos ecossistemas da natureza, no caso da horta escolar com princípios básicos da ecologia. A natureza mostra que sistemas sustentáveis são possíveis e devem-se aprender como estes sistemas funcionam e se mantêm, usando a educação mola propulsora de uma caminhada em busca de um futuro de vida mais sustentável.

Em 1982 surge o Programa do Clube da Árvore, pelo Instituto Souza Cruz, com atividades práticas de educação ambiental, com material didático pedagógico que visava motivar alunos e professores em ações concretas para recuperar e preservar a natureza, onde milhares de mudas de árvores nativas e exóticas foram produzidas e plantadas, complementa Instituto Souza Cruz (2002).

O livro, acima citado, trabalhava com mais ênfase em escolas de meio rural, longe de grandes centros urbanos e assim o programa foi um agente de mudanças contribuindo com soluções ao alcance de todos. Mais de 700mil jovens em idade escolar participaram do programa e tiveram acesso a temas sobre a água, solo, reciclagem, biodiversidade, flora e fauna. Muitas pessoas envolvidas descobriram e redescobriram os prazeres em transformar sementes em florestas, hoje muitos profissionais renomados foram alunos deste programa que envolvia toda uma comunidade escolar, muito distante das informações na época e onde se falava muito pouco em consciência ambiental.

No trabalho ambiental do clube da árvore, o grande desafio era manter a motivação e o entusiasmo junto às atividades desenvolvidas, de modo que a consciência ecológica fosse amplamente fomentada com toda a comunidade envolvida em questões pertinentes a sua realidade coloca o Instituto Souza Cruz (2002).

Segundo a obra de Rodrigues (1997), a educação ambiental é um instrumento para a construção da cidadania, como condição fundamental para se construir cidadania e tirar um país como o Brasil da miséria, da desigualdade social,

do analfabetismo e as crianças e jovens tem uma grande parcela de na construção do futuro de seu país com solidariedade e cooperação.

Assim a autora acima citada acrescenta que a educação ambiental é vista de modo amplo, com o objetivo final de formar cidadãos ativos que saibam identificar os problemas e participar ativamente na solução e prevenção. Que possam ajudar a cuidar do nosso patrimônio natural e cultural, que promovam ações de organização e luta por melhorias de vida e sobrevivência das gerações vindouras de todas as espécies, em busca de um planeta mais justo saudável e agradável de viver.

As trilhas ecológicas realizadas consistem em percursos construídos com a função de sensibilizar e informar o público alvo, além de permitir a realização da interpretação ambiental de determinados aspectos do meio ambiente, consideradas como instrumento básico de educação ao ar livre. (MERCK 2009)

Segundo o autor acima citado, as práticas ambientais são recursos pedagógicos que permitem uma dinamização no processo educativo mediante ação, envolvimento, reflexão e visam fundamentalmente à busca pela autonomia e o desenvolvimento do pensamento crítico. Estimulam o trabalho em grupo e a convivência com a diferença de opiniões. São consideradas práticas ambientais, os jogos, as trilhas, as oficinas entre, outros.

Um exemplo de EA é o Rincão Gaia, que se localiza em uma propriedade no interior do RS, com 30 hectares no município de Pantano Grande, a 120 km de Porto Alegre, onde funciona a sede rural e social da Fundação Gaia, foi criada em 1987 pelo agrônomo e ecologista José Lutzemberger e é uma entidade sem fins lucrativos reconhecidos como de Utilidade Pública pelos governos municipal, estadual e federal. (<http://www.fgaia.org.br/rincao.html>, acesso em 15 out 2011)

Situado sobre uma antiga jazida de basalto, o Rincão é um exemplo de recuperação de áreas degradadas, pois no lugar dos antigos buracos das pedreiras, existe hoje lagos e ao redor deles ocorre uma grande variedade de plantas típicas de ambientes áridos, que junto às rochas, formam jardins de rara beleza.

A fundação do Rncão gaia se destaca e atua na área de educação ambiental e na promoção de tecnologias socialmente compatíveis, tais como a agricultura regenerativa, o manejo sustentável dos recursos naturais, a medicina natural, a produção descentralizada de energia e o saneamento alternativo. (<http://www.fgaia.org.br/rincao.html>, acesso em 15 out 2011)

Além disso, o local é um centro de Educação Ambiental e de divulgação da Agricultura e pecuária regenerativa, orgânica, sustentável, e isto podem ser constatados em lavouras, hortas e criações de animais. Desta forma tenta-se estimular o homem do campo a produzir alimentos saudáveis de forma mais sustentável. Pode receber grupos de até 30 pessoas fornecendo hospedagem e alimentação e sediar cursos e seminários direcionados à promoção de desenvolvimento sustentável.

Ocorrem no Rincão Gaia, vivências com duração de uma semana, incluindo atividades práticas relativas à agricultura ecológica, criação de animais, plantas medicinais e educação ambiental, sob orientação e reflexão permanente.

Nas trilhas realizadas, estes aspectos são abordados de forma adequada à faixa etária do grupo, incluindo atividades pedagógicas, vivências de sensibilização e de integração entre os participantes, momentos de reflexão e atividades práticas, ocorrem no local.

A Fundação Rincão Gaia oferece, através do seu Programa de Educação Ambiental, as seguintes atividades: Assessorias em Educação Ambiental: Com orientação e acompanhamento de projetos de Educação Ambiental em diversos segmentos, como escolas, empresas, prefeituras ou grupos em geral. Seminários sobre temas específicos: Oficinas de Educação Ambiental: Momentos teórico-práticos, com a duração de meio turno, abordando temas específicos do processo de Educação Ambiental, de acordo com as demandas do grupo. (<http://www.fgaia.org.br/educacao.html>, acesso em 15 out 2011)

Por seu caráter humanista, interdisciplinar e participativo a Educação Ambiental pode contribuir muito para renovar o processo educativo, trazendo a permanente avaliação crítica, a adequação dos conteúdos à realidade local e o envolvimento dos educados em ações concretas de transformação desta realidade. (<http://www.fgaia.org.br/rincao.html>, acesso em 15 out 2011)

2.4 O desafio da EA

É impossível continuar a viver neste planeta sem ter atitudes coerentes com o meio ambiente e buscando a sustentabilidade em todo ecossistema. O desafio é, pois, o de formular uma educação ambiental que seja cativante e inovadora. Quando nos referimos à educação ambiental, situamo-nos em contexto mais amplo, o da educação para a cidadania, onde sabemos que somos integrantes de uma sociedade e não só a serviço dela, diz Barcelos (2008)

A escola é local onde se vivencia e participa da construção de múltiplas aprendizagens do sujeito que ali se encontra. Para que ocorra aprendizagem deve haver múltiplas interações entre o conteúdo e os sujeitos. Assim, ela pode transformar-se no espaço em que o aluno terá condições de analisar a natureza em um contexto de várias práticas, onde quem ensina também aprende na certeza de que somos seres em constante vivência do aprender.

Ao ensinar se aprende e aprendendo se ensina, na aprendizagem da sociedade, a história de homens e mulheres descobrem que era possível ensinar. Ao longo do tempo se percebeu a possibilidade e a necessidade de achar caminhos e métodos de ensinar. Ao se ensinar se integra a grande experiência de aprender, ensina Freire. (1996).

Com objetivo de transformar uma pedagogia voltada para a ação, o professor deve aproximar o aluno do meio ambiente, sensibilizar para os problemas de sua localidade, onde deverá ser um agente transformador de problemas que podem ser trazidos para dentro da sala de aula, com leituras e notícias dos meios de comunicação. Assim, com as notícias ambientais é possível aproximar os alunos de seu meio ambiente, propor a troca de experiências e idéias de grupos ou individualmente sobre o meio ambiente e seus problemas. Para que os alunos possam partir da sua realidade local para o global, da realidade que conhecem e dominam para aquela que não conhecem e desejam dominar, coloca Santos. (2003)

Waldman (2003) acredita que o desenvolvimento de uma cidadania ambiental tem registrado avanços notáveis nas últimas décadas, e cita como exemplo o crescimento do ambientalismo para outros movimentos sociais, que perceberam nas reivindicações ambientais um vínculo orgânico com as causas que defendiam.

O autor desenvolve, numa concepção participativa, três esferas de atuação que define ser indispensáveis para uma ação efetiva de cidadania ambiental: a primeira refere-se à administração pública, em seus três níveis de atuação – federal estadual e municipal - a segunda esfera se refere à sociedade, com a atuação de escolas, comunidades de bairro, igrejas, sindicatos, movimentos urbanos e rurais, universidades, empresas, entre outras; e a terceira esfera concretiza-se em âmbito individual, com o cidadão atuando no espaço da sua casa, seu bairro, seu local de trabalho, etc.

Waldman (2003) lembra que de nada irá adiantar se apenas uma dessas esferas agirem isoladamente, pois é preciso que ocorra articulação entre as mesmas, com uma atuação conjunta e coordenada em prol da conservação da natureza de modo a objetivar uma gestão ambiental eficiente.

Com relação ao poder público, o autor explica que é necessário que o Estado oportunize ao cidadão a capacidade de intervenção, consiga estabelecer políticas públicas, estratégias de urbanização e pactos políticos dos mais diversos.

Um aspecto fundamental é que o poder público deve manter interação constante com a sociedade, o que também solicita uma sociedade consciente e cidadãos participantes capacitados a cobrar do Estado as suas atribuições e, por conseguinte, reforçá-lo. Isso porque a questão ambiental não se resolve com um Estado fraco, mas sim reclama um estado atuante (WALDMAN, 2003, pág. 56).

A sociedade tem demonstrado ser uma importante alavanca no avanço da cidadania ambiental, diariamente e segundo o autor, tem brindado o mundo com uma pródiga e envolvente série de experiências bem sucedidas neste contexto.

Quanto ao nível individual, refere ser este da maior importância e não pode ser desmerecido quando se fala em estratégias ambientais, até porque a cidadania ambiental tem nos indivíduos seu suporte objetivo, além disso, parcela considerável dos impactos no meio ambiente tem origem na ação e procedimentos de rotina das pessoas, em seus próprios lares.

Para Waldman (2003) a noção de cidadania ambiental pressupõe a construção de uma relação mais harmoniosa com a natureza, sendo que esta conduta deve estar presente em toda a extensão da vida cotidiana. O autor cita

como exemplos as cooperativas de reciclagem que se destacam em condomínios, escolas e associações comunitárias da periferia, experiências em educação ambiental, muitas vezes realizadas de modo espontâneo e não institucional etc.

[...] com cada cidadão exercitando sua responsabilidade ambiental em toda ocasião que estiver manipulando bens e materiais, buscando a finalidade mais ecológica possível em cada atitude adotada no seu dia-a-dia e com consciência do impacto que os mais simples procedimentos podem provocar no meio natural. (WALDMAN, 2003, pág. 557).

O principal eixo de atuação da educação ambiental deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença através de formas democráticas de atuação baseadas em práticas de ouvir e dialogar. A conversa constitui-se, assim, em um espaço relacional por excelência na ação educativa.

Nas escolas os professores são guias na construção de conhecimento para saber usá-los como instrumentos para o desenvolvimento de uma prática educativa com motivação e no cuidado com o meio ambiente, pois muitos são os momentos em que se aprende no contexto social em que vivemos e a escola é mais um destes locais onde acontece a aprendizagem, conforme Barcelos (2008).

Informática domina lojas, bancos, jogos, compras, pesquisas e a comunicação. E nossas escolas mudaram? Alunos saem de um mundo frenético e caem em uma sala de aula morna, lenta. Sem contar com outros problemas familiares, emocionais e cognitivos que também somam no desinteresse de aprender. Como tratar estas questões nos dias de hoje?

Ocorrem alguns bons exemplos que tiram os alunos das salas pacatas e proporcionam várias interações, com sentido de investigação, experimentos e conclusão de um fato estudado. Estas ações devem ser bem planejadas com várias interações e com sentido aos alunos, para que os conteúdos sejam ensinados de forma procedimental e não apenas conceitos prontos.

Ao trabalhar desenvolver um trabalho com EA, deve se buscar ajudar as pessoas a elaborar uma consciência global das questões relacionadas ao meio em que vivem e para que possam se posicionar em sintonia com valores, sua proteção e melhor qualidade de vida, conforme consta nos parâmetros curriculares nacionais (PCNs), Meio ambientes e saúde (1997).

O professor deve buscar fatos que ajudem a entender como o aluno aprende como propor situações em que os alunos exponham o máximo de si, com diálogos, observações, para que se busquem caminhos de conhecer limitações e sucessos no contexto da aprendizagem em sala de aula, sem esquecer que todo sujeito carrega consigo, certos conhecimentos prévios que muito se pode ser aproveitado no aprender diário deste educando.

Segundo Reigota (1999), a educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora na sociedade, de uma cidadania global, onde as pessoas tornam-se sujeitos inclusos, participativos para promover um desenvolvimento mais sustentável em seu meio no planeta em que vivemos, buscando com isso mais qualidade de vida, com pessoas integradas na sociedade e não somente usufruindo dela e a serviço dela.

Muitos trabalhos práticos de sucesso e motivação com os alunos se referem a experimentos, pesquisas de campo, teatros, maquetes, entre outros que comprovaram serem eficientes na aprendizagem escolar, entretanto o desafio é que os professores continuem com esta prática, pois isso muda seu trabalho pedagógico e gera mais serviço, pois se torna mais complexo ensinar de maneira diferente, às vezes é melhor seguir como sempre se ensinou.

O autor Merck (2009), coloca que as práticas ambientais são recursos pedagógicos que permitem uma dinamização no processo educativo com ação, envolvimento, reflexão e visam fundamentalmente à busca pela autonomia e o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. Tais atividades estimulam o trabalho em grupo e a convivência com a diferença de opiniões. São consideradas práticas ambientais, os jogos, as trilhas, as oficinas entre, outros.

Muitas escolas querem formar um sujeito integral, mas se preocupam muito com o cognitivo que classifica só os primeiros em vários concursos e as outras áreas de formação onde ficam? Um sujeito integral que a escola deve buscar, deve se desenvolver em várias áreas, motora, afetiva e social, para que assim ele alcance no futuro, soluções coerentes aos seus problemas.

A educação ambiental deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e respeita e ouve os saberes do educando, formando cidadãos com consciência local e posteriormente planetária, pois nossas decisões sobre o meio ambiente podem causar impactos positivos ou negativos por gerações futuras.

A UNESCO definiu que a educação ambiental tem a finalidade de formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e problemas com ele relacionados, e que possua os conhecimentos, as capacidades, as atitudes, a motivação e o compromisso para colaborar individual e coletivamente na resolução de problemas atuais e na prevenção de problemas advindos no futuro (UNESCO, 1976)

Educar para a cidadania representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar a sua participação em caminhos da sociedade, baseada na educação para a participação e criatividade, negando um ensino bancário de conhecimentos sem significado.

O Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) define a Educação Ambiental como um processo de formação e informação, orientado para o desenvolvimento da consciência crítica sobre as questões ambientais, e de atividades que levem à participação das comunidades locais na preservação do equilíbrio ambiental das mesmas.

Ensinar exige pesquisar, buscar, questionar, constatar e comunicar o que se busca aprender. Neste contexto professor deve ser um incansável pesquisador que motive seus alunos com exemplos e ao campo da pesquisa do aprender, despertando quem sabe no educando uma das inteligências que é a naturalista, que demonstra gostar da natureza como um todo e seu processo de evolução e preservação.

A EA, como perspectiva educativa, pode estar presente em todas as disciplinas quando analisa temas que permitam focar as relações entre a humanidade e o meio natural e as relações sociais, sem deixar de lado as suas especificidades. (Reigota 2009, pág 45)

O educador deve ser modelo aos seus alunos, sempre dando exemplos na prática, ser agente que cativa e motive com amor e dedicação ao trabalho que realiza, onde um simples gesto, olhar ou afago pode representar muito na vida dos educando tão carentes de tudo que temos hoje nas salas de aula.

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência, conforme Maturana. (1998).

Nos dias de hoje, população mundial vive cada vez mais em cidades e observa-se cada vez mais dificuldade em manter uma qualidade de vida das pessoas que vivem em diversos locais tanto urbanos como no meio rural, é preciso destacar a importância de garantir padrões ambientais adequados e estimular uma crescente consciência ambiental, centrada no exercício da cidadania e na reformulação de valores éticos e morais, individuais e coletivos, numa orientação para o desenvolvimento sustentável.

A EA está também muito ligada à interdisciplinaridade, que como já vimos, é compreendida e aplicada das mais diversas formas. Geralmente, ocorre a interdisciplinaridade quando docentes de diferentes disciplinas realizam atividades comuns, sobre um tema. Assim temos diferentes interpretações sobre o assunto em pauta e as possíveis contribuições específicas de cada disciplina. (Reigota 2009, pág 68)

Quando uma criança vive até a fase adulta só na cidade, o mundo que está fora dela não fará parte de seu universo. Ela acreditará que o leite vem de uma caixa, que a fruta vem do mercado e não de uma árvore. Torna-se cada vez mais necessário traçar novas bases educativas, centrados na preocupação de mudar a realidade atual e isto supõe a formulação de novos objetos conceituais e, principalmente, a transformação do sujeito, para que ele cuide e perceba o valor de preservar o que se conhece.

Na EA escolar deve-se enfatizar o estudo do meio ambiente onde vive o aluno e a aluna, procurando levantar os principais problemas cotidianos, as contribuições da ciência, da arte, dos saberes populares, enfim os conhecimentos necessários e as possibilidades concretas para a solução deles. (Reigota 2009, pág 46)

Educação ambiental, como parte de uma cidadania, está ligada a uma nova forma de relação entre o ser humano e a natureza, e na sua atitude cotidiana como várias práticas para entender a dimensão de sua potencialidade da sociedade. Entende-se que essas práticas ambientais só serão possíveis se estiver inserida no contexto de valores sociais e mudanças de hábitos cotidianos simples, pois hoje a moda é ser um sujeito preocupado com atitudes e cuidados com o meio ambiente.

Para assumir um propósito, assim como para poder questionar de forma concreta a falta de iniciativa dos governos para programar políticas pautadas na

sustentabilidade e desenvolvimento num contexto de crescentes dificuldades para promover a inclusão social.

Para tanto é importante o fortalecimento das organizações sociais e comunitárias, a redistribuição de recursos mediante parcerias, de informação e capacitação para participar crescentemente dos espaços públicos de decisão e para a construção de instituições pautadas por uma lógica de sustentabilidade de futuras gerações.

Percebe-se que existem bons exemplos, principalmente das administrações municipais, mostram que, havendo vontade política, é possível obter ações, pela adoção dos princípios de sustentabilidade ambiental mostrando resultados no desenvolvimento econômico e social. Algumas ações precisam doer no bolso e na consciência da população para que se acorde.

Com a EA propõe a noção de responsabilidade, não só com o planeta e a comunidade, mas também consigo próprio, a auto-avaliação, constante e processual, é um dos momentos pedagógicos que mais se aproxima da perspectiva da EA como educação política. (Reigota 2009, pág 76)

Nesse sentido, a educação para a cidadania representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação em potenciais fatos concretos e necessários para a sociedade. Trata-se de criar as condições para derrotar com a cultura dominante e para uma nova proposta de sociabilidade baseada na educação para a participação.

Esta se concretizará principalmente pela presença crescente de uma população que, pela ativação do seu potencial de participação, com mais condições de intervir com ênfase nos processos decisórios de interesse.

Priorizar só cotidiano escolar do aluno com a EA, não deve de forma alguma esquecer de que problemas distantes devem ser abordados, par assim desenvolver a sua identidade como participação de cidadão comprometidos com o futuro do planeta, coloca-nos Reigota.(2009)

O problema socioambiental propõe a participação democrática da sociedade na gestão dos seus recursos atuais e potenciais, assim como no processo de tomada de decisões para a escolha de novos estilos de vida e a construção de futuros possíveis, da sustentabilidade ecológica e da igualdade social, valorizando todas as classes envolvidas.

Para muitos professores e professoras, pais, alunos e alunas, e o público em geral, a EA só pode ser feita quando se sai da sala de aula e se estuda a natureza *in loco*. Essa é uma atividade pedagógica rica de possibilidades, mas que corre o risco de tê-la como única atividade possível, quando é apenas mais uma. (Reigota 2009, pág 47)

Complementando a idéia do autor acima citado, é sempre agradável e importante conhecer e estar em locais ricos em aspectos naturais, com reservas e jardins, mas isso não deve ser usado como modelo, pois no cotidiano da sociedade e da natureza ocorrem sempre relações de grande transformação. Conhecer e preservar locais de interesse ecológico deve ter claros seus motivos e a sua história para a sociedade. Práticas de EA precisam sim estimular o contato e as relações com a comunidade, não priorizar somente visitas a locais preservados, longes muitas vezes, quando próximos de onde se vive pode haver possibilidades de estudo interessantes.

A educação ambiental, nas suas diversas possibilidades, abre um estimulante espaço para repensar práticas sociais e o papel dos professores como mediadores e transmissores de um conhecimento necessário para que os alunos adquiram uma base adequada de compreensão essencial do meio ambiente global e local, da relação dos problemas e soluções e da importância da responsabilidade de cada um para construir uma sociedade planetária mais humana.

Atividades de EA podem ocorrer na cozinha da escola, constatando a presença de agrotóxicos, transgênicos, hábitos alimentares, desperdícios. Também no pátio e jardim da escola podemos ver a biodiversidade existente. As atividades agrícolas, comércio, trânsito, saneamento, crescimento populacional, indústrias e poluições diversas próximas da escola podem ser estudadas, afirma Reigota.(2009)

Porém não devemos esquecer nunca que em educação os resultados não surgem de imediato, tempos depois podemos ver algum sucesso. Buscar parcerias de ajuda e apoio com colegas de educação é um caminho com mais chances de sucesso, que não devemos deixar de experimentar com muita solidariedade.

Para Reigota (2009) conhecer e debater com posicionamento sobre transposição do rio São Francisco, construção de usinas nucleares, o desmatamento da Amazônia, assim como a soja transgênica do sul do país é de interesse de todo estudante do Brasil. Precisamos abordar na EA, aspectos políticos, culturais,

econômicos e sociais, provocamos sim impactos ambientais com o nosso estilo de vida, que não devem ser camuflados.

Quanto mais se buscar a consciência ecológica mais sucesso ela será e, assim, nos levará a tomada de consciência e atitudes diárias, que será com dificuldades para muitos, mas que conservarão um espaço onde os seres humanos possam viver com mais harmonia ambiental.

Em síntese, estou afirmando que o professor e a professora podem educar (e educar-se) ambientalmente em qualquer lugar.

Par melhor explicar o que é isto, então, educação ambiental, na escola ou fora dela, creio ser necessário abordar os seus objetivos específicos, os conteúdos, os métodos e o processo de avaliação dos alunos. (Reigota 2009, pág 51)

A sustentabilidade traz uma visão de desenvolvimento que busca e estimula um pensar e fazer sobre o meio ambiente diretamente vinculado ao diálogo entre saberes, à participação, aos valores éticos como valores fundamentais para fortalecer a interação entre sociedade e natureza. Assim os educadores e colaboradores são essenciais para impulsionar as transformações de uma educação que assume um compromisso com a formação de valores de sustentabilidade, como parte de um processo coletivo.

A EA é uma das mais importantes exigências educacionais contemporâneas não só no Brasil. Pode ainda ser considerada uma grande contribuição à educação em geral. Ela busca estabelecer uma nova aliança entre a humanidade e a natureza, desenvolver uma nova razão que não seja sinônimo de autodestruição, exigindo o componente ético nas relações econômicas, políticas, sociais e pessoais. (Reigota 2009, pág 97)

No entanto, afirma o autor acima citado, a EA não pode se limitar em acumular conhecimentos e sim fazer uma seleção e interpretar os conhecimentos que se dispõe sem perder o foco e fazer com que o conhecimento amplie a participação política e social de alunos, professores e todos os sujeitos do processo educativo.

Em toda ação educativa deve-se procurar encantar e motivar nossos alunos para uma concreta ação ambiental, com aprendizagem significativa, em que eles se sintam integrante de um processo que busca mais qualidade de vida, uma sociedade mais sustentável e justa por um planeta melhor.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa desenvolveu-se na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Leopoldina em Santa Cruz do Sul, no ano de 2011, de caráter qualitativo, foi desenvolvida em três etapas básicas: levantamento bibliográfico sobre a EA. Experiências alternativas de EA na escola, desenvolvimento da trilha da vida, como uma prática de vivência da EA e com observação direta e diálogos durante a execução das atividades com análise das manifestações e registro fotográfico dos alunos no blog da escola.

3.1 Levantamento bibliográfico

No primeiro momento, realizou-se um estudo bibliográfico dividido em quatro partes de pesquisa. Inicialmente, pesquisou-se sobre a existência da EA na educação tradicional, com apoio do autor Paulo Freire em seus trabalhos publicados em crítica à educação tradicional e bancária. Após a pesquisa sobre o histórico da EA foi baseada em José Lutzenberger, Leff, PCNs e Rodrigues. Experiências alternativas de EA foram consultadas Capra e Barros e por fim o desafio da EA pesquisou-se Reigota, Barcelos e Waldman.

3.2. Experiências alternativas

As atividades de EA podem ocorrer na cozinha da escola, constatando a presença de agrotóxicos, transgênicos, hábitos alimentares, desperdícios. Também no pátio e jardim da escola podemos ver a biodiversidade existente. As atividades

agrícolas, comércio, trânsito, saneamento, crescimento populacional, indústrias e poluições diversas próximas da escola podem ser estudadas, afirma Reigota (2009).

Com os alunos da nossa escola, o presente trabalho de EA desenvolveu-se com experiências em educação ambiental dissociada do contexto de sala de aula, usando a natureza, o meio e o homem como fator de significado na aprendizagem dos alunos, sendo que temos o meio ambiente como um laboratório natural e diário de aprendizagem que a escola possui.

No ano de 2000, iniciou-se na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Leopoldina em Linha João Alves, Santa Cruz do Sul, um projeto utópico de plantar e montar uma mata, num terreno que a escola recebeu de doação. Com árvores que os próprios alunos trouxeram e plantaram inicialmente, entre elas a exótica uva do Japão (*Hovenia dulcis*), nativas doadas pela Afubra e também a erva mate (*Ilex paraguariensis*), que se buscou mudas de doações em Venâncio Aires, no viveiro de um grande colaborador, Manuel Canabarro, de Vila Palanque.

O plantio das mudas com os alunos rendeu muitas atividades de ensino com ênfase em EA. Nos anos seguintes os alunos ajudavam a capinar, regar e colaboravam para o pleno desenvolvimento das mudas que foram crescendo ano após ano, fazendo os alunos se perceber participantes de um projeto de montar uma mata, como laboratório natural de estudo e lazer na escola.

Ano após ano, depois das férias de verão observava-se o quanto as mudas de árvores cresciam, sendo que cada aluno e cada turma se empenharam na colaboração do plantio e desenvolvimento desta mata, onde até hoje a cada ano, na semana do meio ambiente os alunos do 1º ano plantam uma mudinha de árvore na mata, pois fazem também parte desta história de EA na nossa escola.

Inserir projetos para promover a pesquisa científica, buscar e trocar conhecimento de árvores nativas e exóticas com pais e avós, as explicações das espécies botânicas usam de chás e da madeira é fomentada na escola para desenvolver nos alunos autonomia e valores que garantam a aprendizagem significativa e qualidade de vida local e global.



FIGURA 1. Com explicações sobre informações botânicas das árvores da mata da escola aos colegas em 2009. Fonte: arquivo pessoal da autora Rosana E. E. Stein ano 2009.

Busca-se constantemente compreender a relação complexa entre a natureza e o ser humano, saber curiosidades das árvores da mata, visitar o matinho da escola é motivo de grande alegria de todas as turmas e alunos da escola, sendo nas aulas de ciências, de educação física ou outra disciplina e atividade a ser desenvolvida. Saborear os frutos que já se colhe lá é muito importante para os alunos, dentre estes frutos citam-se: goiabas, amoras, ameixas, butiás e pitangas.



FIGURA 2. Alunos explicando aos colegas as curiosidades das árvores da mata da escola em 2010. Fonte: arquivo pessoal da autora Rosana E. E. Stein ano 2010.

A escola participa de mostra de trabalhos científicos a mais de 10 anos e a mata foi muito usada e pesquisada por nossos alunos nestes projetos. Dentre eles

citamos: Fazendo erva mate com ajuda de avós de alunos. O uso da erva mate para fazer bolos e sucos. Reconhecer espécies arbóreas nativas e exóticas da mata. Reconhecer nascentes de água na mata com uma forquilha de pessegueiro com avô de aluna.

Nos últimos anos, a localidade que a escola está inserida teve sua realidade transformada com a chegada de novos loteamentos, num processo acelerado de urbanização, a escola faz uma visita a estes locais, em uma caminhada ecológica em que se faz atividade física e se coleta lixo pelo percurso, para ver de perto os impactos ambientais e saber se tem licenciamentos ambientais.



FIGURA 3. Caminhadas ecológicas, próximas da escola, para ver o impacto ambiental dos novos loteamentos, coletarem lixo, realizar atividade física e conhecerem a realidade ambiental próximo da escola. Fonte: arquivo pessoal da autora Rosana E. E. Stein ano 2010.

As caminhadas ecológicas proporcionam aos alunos vivências diferentes. Além da convivência com a natureza, a atividade gera nos alunos valores criativos e transformadores, atributos que a escola considera necessários para que haja uma maior consciência do nosso papel como parte do meio em que vivemos. <http://www.sosatitudo.blogspot.com>, acesso em 15/9/11

Realizar atividades práticas e prazerosas em contato direto com a natureza, que é nosso laboratório natural, contato direto de subir, ver e tocar as árvores, com experiências, saídas de campo, caminhadas pela localidade que a escola está inserida, projetos de pesquisa, observação da flora e fauna da região, trabalhos artísticos, leituras e releituras da natureza entre outros que comprovaram com depoimentos, serem motivadores, significativos e eficientes na aprendizagem escolar dos alunos.

A cada ano na semana do meio ambiente se faz uma extensa programação na escola para desenvolver e incentivar a EA, como caminhadas ecológicas, vídeos ecológicos, atividades artísticas, trilhas ambientais de contato e pesquisa com as árvores e toda a biodiversidade que se relaciona com a mata da escola. A coleta de lixo nas caminhadas é muito bem trabalhada com ajuda de alunos monitores de 4º, 5º e 6º ano da escola.

Práticas ambientais são ferramentas pedagógicas que colaboram para uma dinamização no processo educativo com ação, envolvimento, reflexão e visam fundamentalmente à busca pela autonomia e o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, que estimulam assim o trabalho em grupo e a convivência com a diferença de opiniões, coloca Merck (2009).

3.3. A Trilha da Vida

As trilhas são caminhos construídos com a função de sensibilizar e informar o público alvo, além de permitir a realização da interpretação ambiental de determinados aspectos do meio ambiente, consideradas como instrumento básico de educação em contato direto com a natureza. (MERCK 2009)

Uma visita sensível do corpo à natureza, refletindo as relações físicas e perceptivas do indivíduo e suas relações com o meio ambiente e vem crescendo a cada dia em uma sociedade que carece de se sensibilizar com a trilha da vida.

A Trilha da Vida que realizamos na escola na semana do Meio ambiente de 2011 serviu para redescobrir a Natureza com os sentidos, sendo uma técnica usada para que os alunos com os olhos vendados sintam a natureza através de

experiências corporais sensíveis ao toque, audição e olfato e assim tomem consciência do seu papel como parte de um sistema vivo, na natureza.



FIGURA 4. Trilha da vida na mata da escola, com alunos e professores na semana do Meio Ambiente de 2011. Fonte: <http://www.sosatitudo.blogspot.com>. Acesso em 05 out 2011.

Na mata da escola montou-se e realizou-se a trilha da vida com todas as pessoas da escola. Cordas descreviam um caminho pela mata, com ajuda de colegas e professores que eram guias, as pessoas tinham os olhos vendados e realizavam a trilha paravam em pontos estratégicos onde os alunos, deviam tocar em objetos da natureza, como frutas, sementes, folhas, conchas entre outras. Sons de pássaros eram percebidos pelos apitos sugestivamente dispersos na mata. Cheiros de essências naturais também eram sentidos pelo olfato.



FIGURA 5. Trilha da vida na mata da escola, tocando árvores e sementes de pinhão com alunos e professores na semana do Meio Ambiente de 2011. Fonte: <http://www.sosatitudo.blogspot.com>. Acesso em 05 out 2011.

Na trilha desenvolveu-se na escola com uso de materiais muito simples, mas com grandes significados, usaram-se frutas, sementes, cordas como guias e assim relacionava-se para as pessoas que se seguravam e se guiavam com a corda guia sendo Deus que participa e guia nossa vida com mais segurança e confiança.



FIGURA 6. Trilha da vida na mata da escola, com alunos tocando frutas, ouvido sons e ajudando professores na semana do Meio Ambiente de 2011. Fonte: <http://www.sosatitudo.blogspot.com>. Acesso em 05 out 2011.

Também havia guias monitores que eram colegas que seguravam a outra mão do colega, ajudando e indicando o caminho e pontos a chegar e perceber. Percebeu-se um momento lindo de ver os alunos pequenos vieram em turno oposto de seu horário de aula, para serem monitores de alunos de 5º ano a 8ª série, e a tarde os alunos maiores vieram em turno oposto também para ajudar e guiavam os alunos menores de 1º ano ao 4º ano.

Na reta final da trilha, objetos tecnológicos como celulares, potes, teclados, plásticos eram tocados pelas pessoas para fazer um contraponto entre a natureza e a tecnologia. Precisamos da parte tecnológica, mas também precisamos preservar e cuidar do meio ambiente.



FIGURA 7. Trilha da vida na mata da escola, reconhecendo a parte tecnológica com alunos e professores na semana do Meio Ambiente de 2011. Fonte: <http://www.sosatitudo.blogspot.com>. Acesso em 05 out 2011.

Na última parte da trilha os alunos tocavam o tronco de uma árvore de figueira e eram convidados a refletir sobre que todos nós somos parte da natureza com a árvore e os animais, mas a melhor parte da trilha estava por vir, a venda era tirada e as pessoas se viam num espelho, com muita emoção se dizia que cada um de nós tem um papel muito importante na trilha da vida e que devemos compreender isso, dar valor para visão que temos e andamos cegos sem ver a natureza e suas belezas, entender que precisamos da tecnologia, mas devemos saber a dose certa, testemunhou-se que muitas pessoas se emocionavam nesta parte final da trilha.



FIGURA 8. Final da Trilha da vida na mata da escola, percebendo com o tato uma árvore de figueira, que é um ser vivo como nós e com visualização no espelho da parte mais importante da trilha da vida, os seres humanos. Fonte: arquivo pessoal da autora Rosana E. E. Stein ano 2010.

Fora da escola deve e pode ocorrer a educação ambiental com a integração de pessoas, trabalho coletivo de aprendizagem com a comunidade escolar, onde se aprende muito também quando se ensina e partilha informações locais para partir depois para a sua cidade, região e o mundo todo.

A EA, como uma exigência da pós modernidade, está baseada na busca de metodologias de trabalho que privilegiem a construção do conhecimento com base na solidariedade, na tolerância, na paz, e em um conhecimento prudente de si para si, e que tenha como horizonte a construção de um mundo mais social e ecologicamente mais justo. (Barcelos, 2008)

A EA comprometida com sua essência permite integrar conhecimentos curriculares e relacionar com os problemas enfrentados nas comunidades pelos alunos, fazendo assim os alunos serem agentes atuantes sobre estes problemas e capazes de construir um mundo mais justo e mais sustentável. (Educação Ambiental- Eunice Kindel et AL)

Uma educação ampla e abrangente pode melhorar o mundo, sendo a EA inserida e discutida com propostas e atividades que tenham valores e princípios para combater os problemas existentes. O início de todo o trabalho é conhecer a realidade onde a comunidade e a escola está inserida, conhecer as pessoas, como

elas vivem seus problemas, suas necessidades, vontades e suas percepções de vida. (Educação Ambiental- Eunice Kindel et AL)

ANÁLISE DE DADOS

A seguir, analisamos alguns depoimentos dos alunos postados no Blog da escola, depois da caminhada que realizamos pela localidade neste ano, na semana do meio ambiente: Nesta caminhada que realizamos com todos os alunos da escola, vimos o impacto dos novos loteamentos na localidade de Linha João Alves e também coletamos lixos pelo caminho percorrido.

Aluna A do 6º ano disse...

Foi bem interessante realizar a caminhada. Gostaria de fazer mais vezes.

22 de junho de 2011 14h08min (<http://www.sosatitude.blogspot.com>)

A aluna é nova na escola, veio este ano para o 6º ano e apesar de ter escrito pouco, manifestou encantamento, o gosto e o interesse pela caminhada e a vontade de que a mesma se repetisse mais vezes na escola.

A seguir um aluno que estuda na nossa escola há mais tempo e convive com atividades diferenciadas de EA ao longo dos anos.

Aluno B da 7ª série disse...

A caminhada ecológica foi muito legal para a semana do meio ambiente, porque pegamos os lixos que estavam na rua e colocamos nos sacos plásticos pretos para ajudar o meio ambiente e o mundo.

14 de julho de 2011 08h59min (<http://www.sosatitude.blogspot.com>)

Conforme o aluno acima comenta, eles gostam da atividade, sendo alunos adolescentes de 7ª série e percebem que a caminhada tem caráter ecológico, pois se coleta lixo para ajudar o meio ambiente e o mundo que é para os futuros cidadãos que também tem o direito de viver num mundo melhor. Os loteamentos vêm acelerando o processo de urbanização da localidade e isso se debate muito com os alunos, os impactos atuais e futuros que teremos no local.

A seguir temos outros depoimentos dos alunos de 6º ano a 6ª série sobre a Trilha da vida, feitas no blog da escola: (<http://www.sosatitude.blogspot.com>)

Aluna C do 6º ano disse...

Na trilha da vida vimos que podemos sentir não apenas ver. A professora fez isso para nos conscientizar que temos que cuidar da natureza, não desmatando.

Quando entramos na trilha estávamos um pouco preocupados, mas no final foi legal se ver no espelho e enxergar o que no futuro pode acontecer se não cuidarmos da natureza. 29 de junho de 2011 16h17min

Aluna D da 6ª série disse...

A trilha da vida foi muito legal, pois tivemos contato direto com a natureza e vimos como é difícil a vida de um cego. No final da trilha chegamos a frente a uma árvore de figueira que simbolizava a nossa vida e o espelho queria mostrar que a natureza é nosso espelho.

29 de junho de 2011 16h15min

Aluna E da 6ª série disse...

Eu gostei da trilha, pois aprendi que não precisamos ter tudo que é tecnologias novas. Quando se está com olhos vendados, sendo guiada, sentindo diversos objetos, com sensação que é única, imaginamos muitas coisas e vemos que a natureza faz parte de nós.

Na parte da tarde fui monitora e ajudei na trilha fazendo sons de pássaros em cima de uma árvore. Vi os pequenos sentindo as árvores e objetos que havia na trilha. No final da trilha vi que a única pessoa que pode ajudar o meio ambiente somos nós mesmos.

6 de julho de 2011 14h57min

Analisando os depoimentos de alunos de 6º ano e 6ª série, que pertencem a uma faixa etária parecida, sendo pré-adolescentes, percebe-se gostaram muito da atividade e se sensibilizaram com a metodologia da trilha da vida, pois sabem que precisam cuidar do meio ambiente que é de todos e o contato direto com a mata com olhos vendados estimulou muitas sensações. A natureza é o nosso espelho,

tudo o que fizermos retornará a ela retornará anos. A sensação que as pessoas viveram na trilha foi única, imaginaram muitas coisas e percebe-se que a natureza faz parte de todos nós, como uma teia da vida onde tudo está ligado.

A aluna que foi monitora e ajudou na trilha fazendo sons de pássaros, a tarde inteira em cima de uma árvore, percebeu seu valor de ser também uma colaboradora na atividade de EA e sensibilizando a audição dos alunos pequenos, sentindo também as árvores e objetos que havia na trilha, ela com propriedade e consciência ambiental enfatiza que a única pessoa que pode ajudar o meio ambiente é nós mesmos. A mesma aluna gostou tanto da trilha que fez ela quatro vezes.

A seguir depoimentos de alunos adolescentes de 7ª e 8ª série, sendo de outra faixa etária que deixou seus relatos no blog da escola:

Aluna F da 7ª série disse...

Bom, eu como aluna, e participante da Trilha da Vida, nunca tinha feito uma atividade assim, com certeza eu vou levar para a minha vida toda. O que eu senti naquele dia eu nunca tinha sentido antes! Pois é muito difícil você não poder enxergar, na hora de sentir os objetos também foi muito legal, fiquei feliz por adivinhar, mas isso eu somente descobri no final da trilha, pois o guia somente me guiava e não me falava em quais objetos eu tocaria.

A gente deveria ter muita confiança na pessoa que estava nos guiando. Estava chegando o fim da Trilha da Vida, o que será que iria acontecer? Era somente isso que passava em minha cabeça, então a professora Rosana pegou minhas mãos e pediu para eu colocar a mão em uma árvore, após isso ela tirou minha venda e me disse que eu veria a parte mais importante da trilha, ao abrir os olhos eu fiquei surpresa, pois era eu. Ela me falou uma mensagem LINDA, e que me fez pensar que eu tenho uma missão aqui, e eu preciso ajudar o meio ambiente! Essa atividade foi muito legal! Deveria se repetir muito mais vezes. Parabéns para a escola por realizar atividades assim!

29 de junho de 2011 14h54min

Aluna G da 7ª série disse...

Eu gostei muito da trilha da vida, pois aprendi a ver a natureza com os olhos vendados e sentir frutas e sementes de outro jeito e dar mais valor às coisas que tenho e parar de reclamar.

Nós temos uma grande missão que é a de ajudar o meio ambiente através de atitudes como valorizar a natureza, não jogar o lixo no chão e não fazer queimadas, pois, agindo assim, iremos preservar o que ainda temos. Na parte final quando eu me vi no espelho eu senti que como seres humanos têm um papel importante na natureza, somos parte dela e cada um tem uma missão que é preservar - lá.

6 de julho de 2011 14h03min

Aluna H da 7ª série disse...

Foi muito legal participar da trilha da vida porque nós vimos que precisamos dos outros para viver e como é bom ter uma pessoa do nosso do nosso lado para nos ajudar a superar os obstáculos.

Nós precisávamos identificar objetos, sons e sentir cheiros com os olhos vendados. A sensação foi muito boa porque parecia que nós estávamos em meio da natureza e no final da trilha descobrimos que a pessoa mais importante da trilha éramos nós mesmos e que cada um deve fazer a sua parte para termos um mundo melhor.

14 de julho de 2011 09h11min

Aluna I da 7ª série disse...

Bom eu achei a trilha da vida muito importante e muito legal porque sabemos como é a vida de um cego que só pode sentir tocar e cheirar, no final da trilha a professora Rosana falou uma mensagem para nós, que devemos valorizar mais as coisas que temos. Eu quero que essa atividade se repita novamente.

14 de julho de 2011 09h21min

Aluno J da 7ª série disse...

Achei que foi muito legal e importante essa trilha da vida para nós vermos quanto é difícil vivermos sem a visão ou qualquer outro sentido. Foi importante para ver que a destruição do planeta terra é tudo culpa nossa

Alunos L e M da 8ª série disseram...

Com a trilha da vida nós aprendemos a dar mais valor para a vida, parar de reclamar porque tem pessoas que tem condições para reclamar, e são muito felizes. Pensar que estamos aqui porque temos uma missão, de ajudar o meio-ambiente.

29 de junho de 2011 16h23min

Com alunos adolescentes, de 7ª e 8ª série as colocações deles se referem a quem nunca havia feito uma atividade assim, sensibilizante e que muitos vão levar para vida toda. O que muitos sentiram naquele dia, nunca havia sentido antes, foi muito difícil não poder enxergar, sentir os objetos, frutas e sementes de outro jeito.

Observava-se na conduta e expressão dos alunos que eles gostaram muito da trilha da vida, acharam muito legal, a natureza foi contemplada com os olhos vendados e o exercício da confiança mútua foi estabelecido quando os monitores guiavam as pessoas que percorriam a trilha da vida.

Ao tocar e sentir as árvores, os alunos percebem a natureza com outros sentidos adormecidos. Aprende-se a dar mais valor às coisas que se tem e parar de reclamar, imaginando-se cego. Assim também ensinou que precisamos dos outros para viver e como é bom ter uma pessoa do nosso lado para nos ajudar a superar os obstáculos da vida e devemos valorizar mais as coisas que temos.

Alunos descreveram a sensação de realizar a trilha como muito boa, muitos querem que a atividade se repita novamente, pois sentiram que estavam no meio da natureza, de uma grande floresta e que todos devem pensar que estamos aqui porque temos uma missão, de ajudar o meio ambiente, ver e perceber que a destruição do planeta terra é parcela de culpa nossa.

Ao tirar a venda ocorria à parte mais importante da trilha, ao abrir os olhos à surpresa, eram as pessoas se verem em um espelho, com uma mensagem dita por um guia, que faz pensar que temos uma missão aqui, é preciso ajudar o meio ambiente.

Devemos acordar para uma grande missão que temos ajudar o meio ambiente através de atitudes diversas como de valorização a natureza, não jogando o lixo no chão e não fazendo queimadas. Na parte final quando se viam no espelho sentiam o papel importante dos seres humanos na natureza, todos fazem parte dela e cada um tem a missão de preservar - lá.

No final da trilha descobriam que a pessoa mais importante da trilha era cada pessoa e que cada um deve fazer a sua parte para termos um mundo melhor. Os alunos gostaram muito e disseram que a atividade devia se repetir muito mais vezes, parabenizando para a escola por realizar atividades assim, tão diferentes, dinâmicas e empolgantes para eles.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho de pesquisa, entende-se que o mesmo serviu para ampliar e significar o conhecimento da autora e alunos participantes da pesquisa, sobre a educação ambiental junto à natureza, ao meio ambiente e ao próprio homem.

Ao realizar a pesquisa sobre a história de EA, analisar a importância dos fatos e a caminhada dos processos se percebe que os índios retiravam somente para o seu sustento, sem extravagâncias e ganâncias, mas veio o progresso ganancioso, desenfreado e extirparam muito da natureza, promovendo um grande esgotamento dos recursos naturais, pobreza, fome, doenças e desequilíbrios do clima, alertando-nos para acordar e preservar a natureza.

A educação ambiental não deve ser uma simples atividade que quer mudar pessoas para cuidar a natureza e sim prática com experiências diversas como de caminhadas, trilhas, projetos que leve a observação e sensibilização dos princípios da nossa mãe natureza, para que se perceba que somos interligados numa rede de relações, somos os únicos animais pensantes e não estamos agindo assim.

Foi possível perceber claramente nos alunos o desejo por atividades diversificadas e motivadoras em contato direto com o grande laboratório natural que temos, ao realizar a trilha da vida em contato direto com a natureza, na mata da escola, onde se valorize a participação de todos e ao mesmo tempo, promova o aprendizado ambiental de grande significado para eles.

Estudantes aqui observados e investigados demonstram que as atividades de EA em contato com a natureza, sendo uma metodologia adequada e motivadora. Estudar na mata da escola é uma alegria para eles e a trilha da vida que foi realizada este ano, foi marcante e todos gostaram muito e se mostraram sensibilizados com a inovadora prática realizada na escola se constatou ao observar

os alunos realizando felizes as atividades e os depoimentos dos alunos que fizeram a caminhada ecológica e a trilha da vida no blog da escola.

A educação ambiental não deve ser inserida nas pessoas de forma impositiva e sim ser capaz de motivar, dar significado e influenciar as pessoas a se sensibilizarem a conservar a natureza por motivos de sobrevivência nossa e de muitos seres que aqui querem continuar vivendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, V. **Educação Ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes.** (Coleção Educação Ambiental). 2ªed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

BARLOW, Zenobia. **Alfabetização ecológica.** São Paulo: Cultrix, 2006.

BOFF, Leonardo. Ecologia: **Grito da terra, grito dos pobres.** São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981 disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm, acesso em 23/10/2011.

CAPRA, Fritjof. Alfabetização Ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: TRIGUEIRO, André (coord.). Meio ambiente no século 21: especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Campinas: Armazém do Ipê, 2005.

_____. O Ponto de Mutação. 26ª reimpr. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. Como a natureza sustenta a teia da vida. In: STONE, Michel K;

CARVALHO, Carlos Gomes. Introdução ao Direito Ambiental. São Paulo: Letras & Letras, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro, 17ª ed: Paz e Terra, 1987
_____. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 36ª ed. 1996.

INSTITUTO SOUZA CRUZ. **Semeando valores: Clube da Árvore 20 anos.** Florianópolis: Expressão, 2002.

LEFF, Enrique. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. In PHILIPPI Jr., Arlindo et al. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais.** São Paulo: Signus, 2000. E-book. Disponível em: <http://www.ambiente.gov.ar/infoteca/ea/descargas/philippi01.pdf>. Acesso em 17.maio> 2011.

LUTZENBERGER, J (1990). **Gaia O Planeta Vivo**. Por um Caminho Suave). Porto Alegre: L&P. NOAL, F.D.O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V.H.L. (Org.). **Tendências da educação ambiental brasileira**. Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 1999.

MORIM, E. (1982). **Ciência com Consciência**. Portugal: Publicações Europa – América.

MATURANA, H. (1998). **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG.

Maria de Lourdes Teixeira Barro. (2009) **EA no cotidiano da sala de aula**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico.

MERCK, A. T. **Metodologias interdisciplinares em Educação Ambiental: práticas ambientais**. ETIC- EAD- UFSM, 2009.

NOGUEIRA, R N. (2001). **Pedagogia dos Projetos. Uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das Múltiplas Inteligências**. SP

NOAL, F.D.O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V.H.L. (Org.). **Tendências da educação ambiental brasileira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

SANTOS, JOSÉ EDUARDO DOS; SATO MICHELE. **A contribuição da Educação ambiental á esperança de Pandora**. São Carlos: RiMa, 2001, 2003.

WALDMAN, M. Natureza e sociedade como espaço de cidadania. In: PINSKI, J; PINSKI, Carla. **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

WWF e Ministério do meio Ambiente. **Muda o mundo, Raimundo! Educação Ambiental no Ensino Básico do Brasil** (1997)

<http://www.sosatitude.blogspot.com>. Acesso em 05 out 2011.

<http://www.fgaia.org.br/rincao.html>. Acesso em 15 out 2011.

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/agrotoxicos/agrotoxicos-primavera-silenciosa.php>. Acesso em 12 set 2011.

<http://mediacenter.clicrbs.com.br/rbstvrs-player/45/player/191076/jornal-do-almoco-santa-cruz-terca-feira-21-06-2011/1/index.htm>. Acesso em 30/06/11.